

“UM COLECIONADOR DE ANGÚSTIAS”

(Subsídios para a história de uma geração)

Não é uma crítica, por diversos motivos: primeiro, porque a crítica imediata, cheia de precipitações e que não colhe os valores que a obra decanta no tempo, é também um dos aspectos da “falsificação da cultura”; segundo, porque a profunda amizade poderá, subterrâneamente, impelir-nos para uma visão subjetiva, e finalmente porque o autor suprimiu ao crítico a possibilidade de penetrar a sua obra e compreendê-la mais do que compreendeu o próprio autor, nas linhas pesadas, verdadeiramente espondaiças, do capítulo preliminar. Poderão objetar que as grandes obras são filhas do subconsciente e que o autor nunca tem compreensão da própria obra. O autor não faz, na verdade, crítica no sentido de antecipar a carreira de sua obra ou de cotejá-la na escala dos valores literários; faz crítica, e crítica devassadora, no intuito de interpretar para o leitor o que está dentro dela. E isso é perfeitamente exequível, de vez que a vocação de criador de ficções, revelada desde tenra idade no autor, se aliou (e até suplantou) o exercício militante do espírito crítico — que é a grande experiência da vida e o alto poder de penetrar o coração das coisas. Não é crítica, portanto, que nos propomos fazer: é apenas uma notícia devaneadora sobre o trabalho do Prof. Fidelino de Figueiredo, uma excursão informativa das páginas que mais nos impressionaram, com o perigo da deformação do seu verdadeiro sentido.

“UM COLECIONADOR DE ANGÚSTIAS” seria uma autobiografia? Seria apenas um mostruário de museu onde se alinham os diferentes espécimes do sofrimento humano? Uma coleção de anedotas, colhidas no borborinho da existência vivida em várias gerações? Uma filosofia da vida, ou até mesmo uma prova de senilidade do espírito? (Na VII Sinfonia de Beethoven também encontraram ausência de continuidade lógica nas idéias, excertos que descambam para a vulgaridade, e o musicógrafo de Mons, François-Joseph Fétis, chegou a ver no final da peça do artista surdo a manifestação de um cérebro doente...).

O aspecto heteróclito da obra, que oferece ao leitor a impressão de absoluta falta de unidade de composição, tem como pano

de fundo a angústia, lente poderosa por onde observa o autor o movimento das paixões humanas, o homem nas suas grandezas e nas suas misérias. Não é uma autobiografia na acepção ordinária dessa espécie literária: a infância, que o autor revive nas páginas preliminares, caiu imediatamente em absoluta solução de continuidade, e dela mesmo não faz senão contornos indecisos. Mas poderíamos dizer que é, até certo ponto, uma autobiografia original: a história de um espírito crítico, que desde a mocidade veio perscrutando o coração dos homens e foi sucessivamente transubstanciando em emoções de sentido universal os episódios da vida pessoal. É axiomático afirmar que UM COLECIONADOR DE ANGÚSTIAS é uma série de símbolos, arrumados segundo o gosto e certos compromissos pessoais do autor, num mostruário que está colocado dentro de um parêntese: o primeiro arco da chave está representado pela angústia política; o último, pela angústia do "espírito de partido", dêsse espírito que "parte a realidade em cacos", "que nos divide e que nos empequenece a vida". Entre um e outro desfilam em anedotas exemplares, empapadas de emoção e de verdade, os demais símbolos: a angústia de chegar tarde — com "O Doente de Alpedrinha"; a angústia dos humildes — "Os Saloios", miseráveis e incompreendidos, que vivem numa segregação social e moral há mais de 800 anos; a angústia da paixão amorosa, em "O espírito foi antes carne"; a angústia da incompreensão deliberada ou congênita do homem impermeável às idéias claras e regeneradoras da tranquilidade humana; e, dentre outras, a paradoxal angústia da felicidade, cuja expressão máxima foi atingida por Beethoven nas suas sinfonias. Fora do espírito da obra, ditados naturalmente por compromissos espirituais do autor, está o capítulo sobre os "Mortos e Vivos na Academia". Estas páginas constituem apenas um ajuste de contas com os seus antepassados mortos, uma espécie de gratidão a exprimir enquanto é tempo. Quase excrescente é ainda o capítulo seguinte — "Biografia de uma Escola", onde o discípulo reviveceu em páginas cheias de vida a geração de Teófilo, de Adolfo Coelho e de José Maria Rodrigues. A vida nos escaninhos íntimos da Faculdade de Letras fundada pelo espírito esclarecido de D. Pedro V, confirma a idéia de um fundo comum em tôdas as escolas superiores, com suas grandezas e misérias. "Verifiquei muitas vêzes que os escritores, os professores e os acadêmicos sistematicamente desconhecem a obra dos próprios colegas e confrades" (p. 63). Se hoje ninguém mais do que o Prof. Fidelino é amigo de seus discípulos, foi porque o mestre se sentiu, durante a sua vida universitária, sob o peso atemorizador e asfíxiante de seus antigos professores, cuja vaidade e presunção de sábios absolutos e inabordáveis procurava cavar uma diferença profunda entre o aluno e o mestre.

A "Falsificação da Cultura" — que o próprio autor timbra em reconhecer um capítulo objetivo, desarticulado do conjunto emotivo

da obra, constitui o que de mais veemente e certo já se escreveu sobre os processos criminosos da vida moderna no sentido de reduzir as criações espirituais a quadros sinóticos, à maneira norte-americana, afim de se dar uma satisfação ligeira ao homem que passa, ao homem apressado dos dias de hoje, totalmente escravizado e brutalizado pelo *tempo* que se tornou *dinheiro*. Não concordamos com o autor, e vimos nessas linhas candentes de indignação contra os processos de desagregação da personalidade literária e da vulgarização destruidora dos bens supremos da criação humana, a angústia do humanista, a angústia do homem que respeita as criações do espírito como o Criador vela pela integridade de sua Criatura. Em "Falsificação da Cultura" crepitam as verdades mais profundas sobre a crise do espírito contemporâneo — comprometido pela suposta possibilidade de uma democratização da cultura, minada pela intervenção dos regimes despóticos — que fazem dela um de seus instrumentos de absorção da liberdade, e, o que é pior, uma cultura agravada pela degenerescência do sentimento de propriedade literária. Há passagens, neste capítulo, que definem não só a linha de conduta intelectual do Prof. Fidelino, mas também aqueles momentos mais característicos de suas preleções em aula. Numa delas ocorre-nos à memória uma comparação que estabeleceu entre a historiografia portuguesa na Idade-Média e o processo de construção das grandes catedrais. A história, como estes monumentos que viviam numa ânsia contínua de Infinito, era sempre um labor de gerações sucessivas, um trabalho coletivo, que crescia no rolar do tempo como cresciam as torres das velhas catedrais. O autor, que tem aí a sua idéia apenas esboçada pela expressão pálida e desfiguradora, possui momentos que merecem ser transcritos, porque a glosa é sempre uma desfiguração do original. Democratizar as grandes criações da Arte é suprimir o substrato indispensável para a sua compreensão: a lenta madurez do espírito, que não poupa esforço e vontade para atingir os últimos degraus da aprendizagem da arte. E é por isso que "essa arte falsificada, essa cultura sem autenticidade nivela por baixo e cria nas almas uma ilusão de saber e de cultura, um contentamento análogo ao do selvagem, que falando ao telefone e guiando um automóvel, acendendo e apagando a luz elétrica, acredita que de um salto venceu a distância que vai do sertão espesso aos arcanos da máquina do universo e à intimidade do cérebro de um Platão ou de um Newton" (p. 93).

Como hilotas numa segregação miserável em todos os aspectos da cultura, vivem os pobres saloios lisboetas, à mercê de uma condenação moral que o desastre de 1147 lhes infligiu perpétuamente. Pobres mouros que há mais de oito séculos não conhecem a simpatia dos heróis da Alcaçova, lembrados nestes últimos anos pela máquina do Estado, que descobriu nestas excrescências da Idade-Média uma possível fonte de arrecadação. Alexandre Herculano,

certo dia, descendo da Lisboa árabe para a Lisboa romana, da Alfama para o Castelo, parou diante do sítio onde existira outrora o convento dos Bons Homens de Vilar, e, numa perscrutação de quem vence tantos séculos letivos, com a memória num velho manuscrito que referia certos sucessos confirmados na "Crônica de D. João I", ajuntou os materiais para a composição de "O Monge de Cister". Cada qual faz, portanto, as arrecadações a seu modo... Na síntese magnífica que o colecionador de angústias faz dos miseráveis saloios, humidecida de profunda simpatia humana, uma espécie de ensaio em oito páginas, não lhe escaparam os menores detalhes sobre o *modus vivendi* destes pobres homens. "Quase não tem folclore poético, nem dias de jovialidade" (p. 141). A poesia parece mesmo um privilégio dos povos livres. Morto Atalpa e reduzido à miséria de vencidos o tesouro de Tawantinsuiu, vivem ainda hoje em absoluta miséria social os desgraçados incas. Se lhes subsiste ainda a poesia, esta difere profundamente daquela poesia precolombiana, uma das mais encantadoras poesias do mundo. Em 1948, Mário João Paulo Freire publica "O SALOIO", o primeiro estudo etnográfico, psicológico e fisiológico dessas populações abandonadas da proteção e da fraternidade dos homens.

Mas, acima de tôdas as angústias, até mesmo daquela que determinou uma peregrinação dolorosa e forçada através do coração da África — vindo de Lisboa para chegar a Madri pela França, está a angústia da ventura, e a *Sétima Sinfonia* de Beethoven é a expressão mais elevada dessa atitude de amargura perante a vida. É certo que podemos ouvir a música como narração, como expressão de uma idéia ou de um sentimento; e é certo que podemos apreciá-la como música pura, música abstrata, como arte em si mesma, independente dessas articulações com as realidades da vida. Todos auferimos de maneira diversa o sentido profundo das obras musicais. A música é uma linguagem universal, mas cada qual a sente a seu modo, consoante a latitude de sua experiência artística e o grau de sua sensibilidade. Ela é arte para ser sentida, não interpretada. Ela é orgânica, não porque exprima determinados estados da alma, mas porque expressa a própria vida, que é muitas vêzes desconexa e multitudinária de emoções. O que existe, portanto, são aproximações muito imperfeitas entre a natureza da música e a realidade que ela nos sugere. É um hábito instintivo do homem associar às coisas imponderáveis e ininteligíveis certos pontos de referência que são as limitações de nossa vida material. Wagner possuía uma alma eminentemente lírica para sentir a natureza íntima da música. Para êle a *Sétima Sinfonia* é uma apoteose da dança, como para Wieck a expressão de uma embriaguez dionisiaca. É inegável, todavia, que existe um conteúdo expressivo comum a todos os espíritos sensíveis à música. Nesta Sinfonia, por exemplo, a tela de fundo parece ser uma crepitação báquica durante a execução da ode primitiva à volta do altar. Wag-

ner vira, nesta peça, “a apoteose do baile”; Oulibicheff “uma mascarada em que se diverte uma multidão bêbeda de alegria e de vinho”; Lentz “uma pastoral com núpcias campesinas, cortejos, danças etc.”, e d’Ortigue uma “procissão nas catacumbas”. Mesmo na interpretação de Dürtemberg a sugestão coreográfica está latente, pois a sinfonia do artista surdo lhe lembra “o sonho de uma formosa odalisca”. E no entanto os anos que decorreram entre a VI Sinfonia e a VII estão vincados profundamente por uma sucessão de desgraças na sua vida amorosa, agravadas por uma crise pungente na sensação da surdez e por uma minadora amargura rousseauiana em sua vida física — como se depreende de seus próprios escritos do agitado ano de 1808... Fora desse diapasão retine o instrumento exótico do colecionador de angústias, que nega, nesta Sinfonia do gênio de Bonn, tôdas aquelas sugestões coreográficas e dionisiacas. Parece-nos que o colecionador encontrou-se na obra de Beethoven. Nas sinfonias do artista surdo está o poema das próprias angústias, e o sortilégio dos espíritos eleitos: atribuir, às confissões pessoais, um sentido universal. Artista nenhum a humanidade teria conhecido, comparável ao gênio de Beethoven nos processos transcendentais de sublimação do sofrimento em arte.

O Prof. Fidelino procura sempre uma visão total das coisas que observa. Mesmo nas páginas de “O espírito foi antes carne”, a descrição moral do tipo é secundária, porque acima dela está o fervoroso panegírico do amor platônico e a frenética apologia do amor terreno, numa ânsia de ver que é inevitável associar aquelas duas realidades fundamentais da vida, como para Wagner, para Alfred de Vigny e sobretudo para o inspirado Edouard Schuré, a verdadeira música, a música ideal é aquela que busca o regresso da associação da Poesia.

Entremos agora numa das camadas mais profundas da obra do colecionador de angústias. O Prof. Fidelino tem à parte uma filosofia da história, melhor, uma concepção otimista da história: êle pensa num neo-humanismo, numa recristianização erasmiana do homem, numa renovação dos valores morais da humanidade. O autor reconstruiu e justapôs à sua longa experiência uma filosofia otimista da vida, dessas que educam o homem no sentido de ter da existência uma visão totalizadora e “julgá-la por padrões absolutos”, arredá-la bem longe do “espírito de partido”, demandar as horas pacificadoras dos crepúsculos vespertinos, que tudo contribuem para o esquecimento das injustiças humanas: “Pense cada qual em como a sua vida interior sossega e se aclara com o esquecimento de tanta coisa que a enche”. Lembra-nos Machado de Assis, algures, concluindo, nos seus furtivos instantes de otimismo, que a felicidade da vida consiste em aborrecer as nossas paixões, sublimar os princípios ativos que fermentam nos profundos da maldade humana. Mais do que nunca o homem de hoje necessita de uma reparação moral; “só outros Erasmos”, em meio à turba de

“corações mutilados, cegos ou zarolhos, coxos ou manetas da alma...”, “poderão pregar um neo-humanismo no sentido universal, como o dos primórdios da Renascença, para reconstituir a totalidade do homem e da vida na consciência de cada um, unindo os cacos diletos e endeuzados pelos partidos e os desprezados” (p. 199). Essa idéia de um neo-humanismo reformador da humanidade é já bem velha no espírito do autor. Desde sua mocidade, na “História da Literatura Clássica”, falando do sentido moral da prosa do Pe. Manoel Bernardes, já pensava numa recristianização da humanidade através da doutrina do grande oratoriano: “Se alguém lograsse acordar as perfeições morais, que em Bernardes se exaltam, a luta moderna, absorvente a ponto de raros momentos reservar à indagação da vida interior, teria realizado a maior das reformas morais, que era a recristianização do mundo” (vol. III, 3.ª edição, págs. 122-123). Hoje, naturalmente, uma reformação em outras bases.

Contudo, às ivêzes, a certeza dessa reumanização dos filhos da terra se esvai como um halo de fumo: o autor ultrapassa a peregrinação incansável de Quixote, e, numa reflexão a que não chegara o miserável manchego, deixa escapar da boca de um dos cavaleiros que acompanhavam a sua consciência através das grandezas e das misérias da existência humana, estas palavras desconcertadoras:

“— Já não é um colecionador de angústias; é um caçador de monstros invisíveis...”

Duas palavras ainda informativas do trabalho. O alto poder que se revela no colecionador de angústias para a ficção, sobretudo para a criação de tipos e grandes quadros emotivos, estabelece uma continuidade curiosa na carreira literária do autor. O processo de elaboração desta obra é apenas uma continuação da remota vocação do romancista de “Os Humildes”. Os símbolos de **UM COLECIONADOR DE ANGÚSTIAS** são outros tantos quadros da vida miserável de “OS HUMILDES”; os tipos do primeiro são parentes daqueles que desfilam no segundo, no trajeto que ia da taberna do Pau-de-Chocolate ao Palácio do Redondo. Entre esta publicação de sua tenra juventude (1908) e **UM COLECIONADOR DE ANGÚSTIAS** decorre a sua vocação adquirida: a crítica e a história literária, mais tarde os problemas gerais da literatura. Não estamos, todavia, em condições de dizer se o criador de ficções levou desvantagens na permuta. O que sabemos é que o Prof. Fidelino tinha raízes na poesia e qualidades maduras para a criação de tipos e painéis. Em “OS HUMILDES”, por exemplo, há dêsses quadros que a gente é capaz de escrever apenas uma vez — como o da desgraçada mulher do Rato Cego, a miserável *Sombra*, que não exalava cheiros de verbena... No colecionador de angústias, dentre tantos, o painel humidecido de magia e música do enfático Aguilar. O D. João da Beira-Baixa recorda em

todos os detalhes a figura do Neiva em "FOGO-FÁTUA", romance onde Coelho Neto condensou todos os seus recursos de artista para a descrição do tipo inteligente, brilhante, senhor de uma filosofia exótica da vida, fluente e imaginoso como a água que brota em cachões na fonte ao pé da serra, mas um dissipador de gênio, que nunca deixara para os seus companheiros uma página escrita sequer. Foi, como Aguilár, um fogo-fátuo.

Finalizando: UM COLECIONADOR DE ANGÚSTIAS é uma autobiografia original: a autobiografia do verdadeiro humanista do século XX, daquele que procura, numa plasticidade expressiva da experiência, a universalização das emoções pessoais. O Humanismo do Renascimento difere do dos nossos tempos em que aquêle, numa transposição do binômio Providência-Homem, fazia o ser humano delirar no otimismo épico da aventura; êste, o Humanismo de nossos dias, é o ponto de chegada da reflexão do homem sôbre os problemas do homem; uma filosofia, pois, que se apoia visceralmente nas inquietações da vida, cujo substrato profundo é o ceticismo, e cujo aspecto dominante é a angústia da responsabilidade do homem.

UM COLECIONADOR DE ANGÚSTIAS não é o estertor da sobrevivência, a dor de quem sente o canto de cisne da elegia de Mariembad. Também não é a busca de glória na posteridade que está naquela *Epistola de origine et vita* de Petrarca no seu ajuste de contas na velhice. É mais do que isso: é uma filosofia da vida, depois de muito sofrer, muito criar e muito conhecer os homens.

São Paulo, 29 de Julho de 1951.

SIGISMUNDO SPINA

Assistente da Cadeira de Literatura
Portuguesa (U.S.P.).